

## **A educação de surdos e o atendimento educacional especializado: representações sociais e práticas pedagógicas no Marajó**

### **Deaf education and specialized educational care: social representations and pedagogical practices in Marajó**

DOI:10.34117/bjdv7n6-496

Recebimento dos originais: 07/05/2021

Aceitação para publicação: 21/06/2021

#### **Huber Kline Guedes Lobato**

Mestre em Educação

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Passagem Eduardo Mendonça, 03 – Guamá, Belém-Pará

E-mail: huberkline@gmail.com

#### **Lucival Fábio Rodrigues da Silva**

Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas

Instituição: Universidade Federal do Pará

Endereço: Passagem Alvorada, 1476 – Atalaia, Ananindeua-Pará

E-mail: lucivalrodrigues@yahoo.com.br

#### **Marcileno de Sousa Favacho**

Especialista em Educação Especial e Inclusiva

Instituição: Faculdade de Patrocínio (FAP)

Endereço: Avenida Altamira, 219, Castanhal-Pará

E-mail: leno\_professor@hotmail.com

#### **Vitor Serra Rodrigues**

Especialista em Educação Especial e Inclusiva

Instituição: Faculdade Integrada de Goiás (FIG)

Endereço: Avenida Rio Branco, 1005, Breves-Pará

E-mail: vitorserra15@yahoo.com.br

#### **RESUMO**

Este estudo tem como aporte epistemológico a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2007) que diz que toda representação é formada por meio da ancoragem e da objetivação, em que aquilo que é percebido como estranho e não familiar, torna-se conhecido e familiar para um determinado grupo social. O estudo constitui-se das seguintes questões norteadoras: que representações sociais os professores do ensino fundamental elaboram acerca do Atendimento Educacional Especializado para alunos surdos na sala de recursos multifuncionais e que influência essas representações exercem sobre as práticas pedagógicas destes professores que atuam neste espaço educativo e em turmas regulares de escolas públicas do município de Breves? Com isso, temos como objetivo analisar as representações sociais de docentes sobre o Atendimento Educacional Especializado destinado às pessoas surdas e a influência dessas representações para a prática pedagógica nas salas de recursos multifuncionais e turmas regulares de escolas

públicas do município de Breves-Pará. A metodologia adotada nesta investigação é de caráter qualitativo, a partir do método de pesquisa em Representações Sociais, sendo que os principais instrumentos utilizados para abstrair a ancoragem e a objetivação dos sujeitos investigados foram a observação e a entrevista semiestruturada. Para a análise do corpus das respostas dos sujeitos utilizou-se algumas técnicas de análise de conteúdo, assim, tem-se as representações sociais de dois professores do ensino fundamental, sendo uma professora que atua na sala de recursos multifuncionais e um professor que atua no ensino regular. Os resultados deste estudo revelam que as representações sociais dos professores acerca do AEE à pessoa surda ancoram-se e objetivam-se na compreensão sobre: o tempo, as atividades e o papel de professor; as atividades isoladas, a timidez e a incapacidade; o professor sendo guerreiro diante dos desafios; e o AEE como espaço de sujeitos diferenciados e de mudança socioeducacional.

**Palavras-chave:** Representações Sociais, Atendimento Educacional Especializado, Educação de Surdos.

### **ABSTRACT**

This study is epistemologically based on Moscovici's Theory of Social Representations (2007), which states that every representation is formed through anchoring and objectification, in which what is perceived as strange and unfamiliar, becomes known and familiar to a particular social group. The study is constituted by the following guiding questions: what social representations teachers of elementary school elaborate about the Specialized Educational Service for deaf students in the multipurpose room and what influence these representations have on the pedagogical practices of these teachers who work in this educational space and in regular classes of public schools in the city of Breves? With this, we aim to analyze the social representations of teachers about the Specialized Educational Service for deaf people and the influence of these representations for the pedagogical practice in Multifunctional Resource Rooms and regular classes in public schools in Breves, Pará. The methodology adopted in this research is qualitative, from the research method in Social Representations, and the main instruments used to abstract the anchoring and objectification of the subjects investigated were the observation and semi-structured interview. For the analysis of the corpus of the subjects' answers some content analysis techniques were used, thus, we have the social representations of two elementary school teachers, a teacher who works in the multipurpose resource room and a teacher who works in regular education. The results of this study reveal that the social representations of teachers about the AEE to the deaf person are anchored and objectified in the understanding of: the time, activities and the role of the teacher; the isolated activities, shyness and inability; the teacher being a warrior in the face of challenges; and the AEE as a space of differentiated subjects and socio-educational change.

**Keywords:** Social Representations, Specialized Educational Service, Deaf Education.

## **1 PALAVRAS INICIAIS**

Para abordar considerações sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS) e sobre a área da educação de surdos, faz-se necessário inicialmente conceituarmos esta teoria. A Teoria das Representações Sociais, originada na Europa por Moscovici no ano

de 1961, constituiu-se como contraponto ao caráter individualista da Psicologia Social predominante nos Estados Unidos neste período. Para o precursor desta teoria, as Representações Sociais “ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzem o mundo de uma forma significativa” (MOSCOVICI, 2007, p. 46).

Apoiando-nos aos pensamentos de Jodelet, principal colaboradora de Moscovici, ressaltamos que esta teoria “é um conjunto de explicações, crenças, ideias que permitem lembrar ou evocar um dado acontecimento, pessoa ou objeto” (JODELET, 2001, p. 127). As Representações Sociais (doravante RS) podem ser compreendidas como um conjunto de opiniões e percepções de um grupo de sujeitos referente a um objeto ou a uma situação determinada.

As RS são entendidas como posicionamentos que os sujeitos tomam, expressam ou emitem em seus discursos, em suas ideias ou opiniões sobre um determinado objeto alvo dessa representação. Para Moscovici (2007) a sociedade é um sistema composto de dois universos: o reificado e o consensual. No universo reificado circulam os conhecimentos sistematizados cientificamente e as teorizações objetivas e abstratas. No universo consensual, estão presentes as práticas cotidianas interativas, a conversação e o senso comum. Neste sentido, os universos reificados produzem conceitos considerados não-familiares e são abstraídos pelo universo consensual, por meio de RS. Assim, as informações tornam-se familiares ou conhecidas.

As representações sociais tem como intuito transformar algo não familiar, em familiar, para isso precisamos usar um processo de pensamento baseado na memória, em que classificamos / nomeamos e depois materializamos, por meio dos processos denominados de ancoragem e objetivação.

Ancoragem e Objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com o tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e produzi-los no mundo exterior para fazer coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2007, p. 78).

No bojo deste processo, os indivíduos formam suas explicações, crenças, ideias e percepções sobre uma certa realidade ou objeto dessa representação, por meio das interações e comunicações entre indivíduos em um determinado grupo social. É válido

mencionar que as RS “não são meras opiniões ou informações acerca de um acontecimento ou objeto: estes precisam estar solidificados no grupo, ser amplamente compartilhado [...]” (BENTES; HAYASHY, 2012, p. 28).

Por todo o exposto, é importante relacionarmos a abordagem das RS ao universo da educação escolar e, mais precisamente, ao âmbito da escola inclusiva, espaço este em que as explicações, crenças e ideias são produzidas no contexto das relações interpessoais que se operam no processo de construção da diferença. Se:

As diferenças são construídas num sistema de representações, no qual encontramos diferentes discursos, a fala dos atores educacionais com experiências pedagógicas com pessoas que apresentam necessidades educacionais especiais nos permitirá identificar a representação da ‘diferença de capacidades’ dessas pessoas, a partir de um imaginário estabelecido pela convivência com elas, seja familiar, social ou profissionalmente (OLIVEIRA, 2004, p. 168).

Portanto, o que se prima hoje, em termos democráticos, é uma sociedade que aceite a todos os alunos, respeitando suas diferenças individuais, superando as práticas segregacionistas e, assim, oportunizando práticas inclusivas que valorizem cada educando. Neste prisma, esta proposta de educação pauta-se na ideia de uma educação de mais qualidade para todos e com todos, buscando-se novas alternativas para que se possa remover as dificuldades de aprendizagem e para a participação de todos os alunos no âmbito escolar.

Nosso contexto educacional, buscando atender aos anseios deste modelo de educação inclusiva, vem buscando desenvolver formas de atendimentos que garantam a inclusão escolar de alunos com deficiências na sala de aula do ensino regular. Em relação a esses atendimentos mencionamos o que prescreve a Resolução nº 04/2009 (BRASIL, 2009) que institui diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, em seu Art. 5º, diz que o AEE deve ser realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios.

Assim o Atendimento Educacional Especializado:

Deve estar disponível em todos os níveis de ensino escolar (básico e fundamental), de preferência nas escolas comuns da rede regular. Esse é o ambiente escolar mais adequado para garantir o relacionamento do aluno com seus pares da mesma idade cronológica e para a estimulação de todo tipo de interação que possa beneficiar seu desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo (FAVERO, 2007, p. 26).

Nesse ambiente de atendimento os discentes surdos são pessoas que relacionam-se com o mundo por meio da língua de sinais, assim precisamos compreender que as línguas de sinais são consideradas “línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Pensamos que a realização das mais diversas formas de interações em língua de sinais é uma ação primordial na escola, para que assim se reconheça que esta é a primeira língua utilizada pelos surdos, pois esta servirá de apoio para que o surdo possa ter o entendimento de uma segunda língua, que no caso do Brasil é a Língua Portuguesa.

Neste sentido, um dos locais de implementação do ensino de Libras para surdos é a sala de recursos multifuncionais, por meio do Atendimento Educacional Especializado, que segundo a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, ofertará ensino tanto na língua de sinais, quanto na língua portuguesa. Entendemos que o processo de escolarização dos alunos surdos relaciona-se ao uso e difusão da Libras, no contexto educacional do AEE, como modo de promover a inclusão da pessoa surda para que se crie um espaço de valorização e respeito às diferenças individuais.

De acordo com estes pressupostos, acreditamos que realizar estudos sobre as representações sociais de professores do ensino fundamental acerca do AEE, no caso, nas Salas de Recursos Multifuncionais, contribui para a compreensão de como estes docentes constroem e socializam saberes e conhecimentos neste espaço escolar. Assim, é cabível recorrer à seguinte questão: que representações sociais os professores do ensino fundamental elaboram acerca do AEE para alunos surdos ofertado na sala de recursos multifuncionais e que influência essas representações exercem sobre suas práticas pedagógicas nas escolas públicas do município de Breves - PA?<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Segundo dados do IBGE de 2019, Breves é um município com uma área de 9.566,572 km<sup>2</sup> e fica distante cerca de 12h de navio da capital do Estado do Pará (Belém). Breves possui uma população estimada em 102.701 habitantes, sendo considerada a cidade mais desenvolvida economicamente da região do arquipélago do Marajó.

Com isso, temos como objetivo geral analisar as representações sociais de docentes sobre o Atendimento Educacional Especializado destinado às pessoas surdas e a influência dessas representações para a prática pedagógica destes professores que atuam nas salas de recursos multifuncionais e turmas regulares de escolas públicas do município de Breves - Pará. De forma específica visamos: identificar a percepção que estes professores possuem sobre o ensino de Libras no contexto do AEE em SRM; e verificar a contribuição que estas representações sociais exercem sobre a prática pedagógica destes professores.

Esperamos que este estudo possa estimular reflexões e ações sobre saberes, conhecimentos, imaginários e opiniões atinentes às práticas socioculturais e educativas, assim como contribuir com outros professores e pesquisadores que intentam apontar e analisar as representações sociais em nossas escolas brasileiras e em especial de nossa região amazônica.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO**

O presente estudo desenvolveu-se por meio de pesquisa de abordagem qualitativa, sendo este tipo de pesquisa aquela que volta-se para as ciências sociais e para realidade concreta de mundo. Não cabe nessa pesquisa os aspectos quantitativos, pois o foco está no universo dos significados, dos sentidos, das crenças, dos valores e das atitudes dos sujeitos que participaram da mesma.

Nossa investigação deu-se a partir da metodologia de pesquisa em RS, que segundo Rangel (2004, p. 42), é a “forma de conhecimento dos objetos pelos sujeitos, tornando-os ‘familiares’ (menos estranhos), trazendo-os do ‘exterior’ para o ‘universo interior’, ‘ancorando-os’, ‘sedimentando-os’”.

Compreendemos que o método em RS deve ser empregado de forma organizada, sistematizada e articulada com métodos e técnicas que podem ser adequados ao campo da investigação científica e com isso realizar pesquisas como forma de enfrentamento de problemas imersos em nosso contexto socioeducacional. Dessa forma:

os mecanismos de formação das representações sociais, considerando-se o enfoque moscoviciano, são a objetivação e a amarração, ou ancoragem, ou ancoramento. Pela objetivação, se dá a concretização, a materialização de conceitos em imagens. Pela amarração, ancoragem ou ancoramento, assimilam-se ou adaptam-se as novas informações aos conceitos e imagens já formados, consolidados e objetivados (RANGEL, 2004, p. 31).

Assim a partir da conceituação destes dois mecanismos, buscamos perceber no *locus* como os professores ancoram e objetivam explicações, crenças e ideias sobre o trabalho com alunos surdos em turmas inclusivas e no espaço da sala de recursos multifuncionais em escolas regulares do município de Breves.

Na presente pesquisa temos como enfoque de pesquisa a Teoria das Representações Sociais em sua abordagem processual. Como objeto de estudo, temos os principais elementos: as Representações Sociais e o Atendimento Educacional Especializado para alunos surdos.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram 02 professores, sendo que destes, 01 é professora que desenvolve atividades no Atendimento Educacional Especializado, no espaço das Salas de Recursos Multifuncionais para alunos surdos e 01 é professor que atua em turma regular de 4º ano do ensino fundamental em uma escola pública do município de Breves.

Efetivamos primeiramente um período de quatro horas de observação no contexto das SRM e turma regular com o propósito de observarmos o cotidiano e a prática educativa de professores que atuam com alunos surdos. Realizamos a observação, pois esta “possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens” (LUDKE; ANDRÈ, 1986, p. 26).

Após as observações realizamos as entrevistas individuais com os sujeitos da pesquisa. Em relação as entrevistas, esta podem ser conceituadas como “uma técnica de investigação baseada em perguntas que são dirigidas a pessoas previamente escolhidas” (LUDWIG, 2009, p. 65). Sobre a tipologia da entrevista, utilizamos a entrevista semiestruturada, “que se baseia em questões específicas, porém sem ordenamento rígido” (LUDWIG, 2009, p. 66).

Para seguirmos uma sequência durante as entrevistas, utilizamos um roteiro contendo cinco perguntas. Vale ressaltar que as entrevistas foram antecedidas por uma conversa inicial, em que dialogamos com os professores sobre assuntos do cotidiano escolar para, em seguida, realizarmos cada entrevista.

Desta forma, para identificação das ancoragens e objetivações que os sujeitos criam sobre o AEE, ou seja, para o tratamento das representações sociais contidas nas entrevistas, recorreremos a Bardin (2007), e fizemos a análise do *corpus* das respostas dos sujeitos, em que utilizamos a técnica da análise de conteúdo, com o seguinte caminho: leitura flutuante das falas dos sujeitos, recorte das unidades, criação e validação de

categorias, assim como interpretação e análise das categorias a partir dos recortes das unidades temáticas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo teremos como eixo principal as representações sociais que dois professores de uma escola pública municipal de ensino fundamental de Breves - PA possuem sobre o AEE destinado a alunos surdos. Os resultados da pesquisa serão apresentados de forma descritiva e por meio de quadros, sendo que tais resultados foram abstraídos das narrativas dos professores, como veremos a seguir:

#### 3.1 A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES SOBRE O AEE OFERTADO AO ALUNO SURDO

Abordar questões sobre o AEE destinado às pessoas surdas, enquanto proposta educativa complementar e promotora da inclusão educacional de alunos surdos no contexto da escola regular e, mais precisamente, no âmbito das SRM requer que conceituemos primeiramente este atendimento.

De acordo com Damázio (2007) o trabalho pedagógico com os alunos surdos nas escolas comuns, deve ser desenvolvido em um ambiente bilíngue, ou seja, em um espaço em que se utilize a língua de sinais e a língua portuguesa, mediante três momentos didático-pedagógicos: Atendimento Educacional Especializado em Libras; Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras; e Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa.

A partir destes pressupostos vejamos como os professores criam suas representações sociais sobre o AEE, a partir do seguinte questionamento: De que forma você acha que deveria ser esse atendimento?

Que nós pudéssemos fazer grupos de estudos junto com esses surdos para eles conhecerem mais sinais, que nós não temos esse momento, fica difícil a correria é muito grande, o tempo é pequeno. Eu gostaria que eles pudessem sair para fazer pesquisas de campo, que eles também não têm esse tempo e nós também não temos esse tempo de levá-los, então isso deixa eles muito limitados só no conteúdo mesmo de sala de aula (Professora do AEE).

Então assim, é obrigação minha como professor regente é, mas acredito que o compromisso maior seja do professor de itinerância de estar fazendo aquele diálogo, aquele intercâmbio (Professor do ensino regular).

Representações Sociais sobre o AEE	
Ancoragem	Objetivação
O tempo e as atividades; O papel de professor;	O tempo não permite realizar outras atividades extraclasse (pesquisa de campo); Transferência da responsabilidade do aluno para o professor itinerante;

Fonte: elaboração própria, 2021.

Os relatos nos levam a perceber sentidos e significados atribuídos pelos professores ao AEE, pois segundo os entrevistados o tempo influencia no desenvolvimento das atividades no AEE, em que não há momentos para realizar atividades de grupos de estudos ou pesquisas de campo para que se amplie o vocabulário do aluno surdo. Assim, conforme os relatos, os surdos encontram-se limitados aos conteúdos de sala de aula.

A partir das falas dos professores percebe-se, também, que é necessário que o atendimento de itinerância - trabalho complementar ao AEE - possa fazer a conexão entre os conteúdos desenvolvidos no ensino regular e as atividades desenvolvidas no AEE. Neste caso, cabe um trabalho de parceria em que o principal articulador é o professor itinerante da escola.

Consideramos que, segundo as representações dos professores, há dois elementos que necessitam ser melhorados no cotidiano escolar para que o AEE destinado a alunos surdos produza resultados significativos. Primeiramente, pontuamos o fator tempo, que muito influencia no desenvolvimento das atividades docentes e que segundo a afirmação da professora do AEE, há um excesso de atividades extensivas que não correspondem ao tempo que os professores possuem para executá-las.

Infere-se que o professor necessita organizar seu tempo e suas atividades, priorizando aquelas mais significativas no processo ensino-aprendizagem com os alunos surdos. De acordo com Bentes; Hayashy (2012, p. 172) o educador precisa “ter um objetivo de ensino, certo conhecimento dos instrumentos, seguir normas estabelecidas, ter diversas habilidades pessoais”. Desta forma, cabe reorganizar determinadas metodologias para ensinar, no intuito de promover de maneira significativa o aprendizado do aluno surdo.

No entender do professor do ensino regular, nos remetemos à ideia de que o AEE deve ser um trabalho que necessita envolver todos os agentes que compõem a instituição escolar, inclusive com os professores regentes das turmas regulares e os professores

itinerantes<sup>2</sup>. Conforme a fala do entrevistado percebe-se que há uma espécie de transferência da responsabilidade de ensinar o aluno para o professor itinerante, quando na verdade a responsabilidade é de todos os envolvidos no processo.

O AEE como proposta de trabalho da escola inclusiva, vem se tornando um trabalho não satisfatório, pois as condições de ensino a serem ofertados neste espaço não atendem as necessidades dos educandos. Para Lacerda (2006, p. 166) estes alunos “necessitam de uma série de condições que, na maioria dos casos, não têm sido propiciadas pela escola”.

Assim, para que as ações pedagógicas do AEE tenham resultados positivos o ideal é que se tenha um trabalho em conjunto em que todos os envolvidos façam parte do processo e sejam atores, e não apenas sujeitos passivos, das atividades direcionadas aos alunos surdos.

### 3.2 SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO TRABALHO COM SURDOS

Neste tópico pautaremos discussões na ideia de como o professor se sente em relação ao seu trabalho com alunos surdos, em que constatamos duas dimensões: trabalho isolado, timidez e condutas de in/capacidade.

Vejamos os discursos docentes por meio da questão: como você se sente em relação ao trabalho com surdos?

Me sinto mais um na multidão, mas um que vai mudar essa história... Eu acho que deveria ter um trabalho mais em conjunto, mas devido ao tempo, cada um na verdade está programando a sua atividade por si só... na verdade não está tendo essa comunicação entre os três: AEE – professor da sala regular – professor itinerante. Na verdade, há uma quebra, e isso também quebra o trabalho. Fica difícil. (Professora do AEE).

Me sinto assim incapacitado, com vergonha de mim mesmo de não saber trabalhar de uma forma assim que eu possa repassar os meus conhecimentos pra eles. Eu não sei se eles estão assimilando alguma coisa que eu estou ensinando. (Professor do ensino regular).

---

<sup>2</sup> Conforme Pletsch (2005) os professores itinerantes, atuam como agentes de mediação, sensibilização, e mobilização junto aos demais profissionais escolares. Seu papel é auxiliar e orientar os professores do ensino regular que recebem alunos especiais incluídos na classe. É válido pontuarmos que a legislação e os documentos oficiais sobre o AEE não tratam sobre a função de professor itinerante, porém no município de Breves há o cargo em nível superior de professor especialista em educação especial – professor itinerante, de acordo com concurso público - edital nº 01/2013/PMB.

Representações Sociais sobre o AEE	
Ancoragem	Objetivação
Atividades isoladas; Timidez; In/capacidade;	Ausência de atividades coletivas; Ausência de comunicação entre AEE e ensino regular; Sentimento de que não conseguem ensinar o aluno surdo.

**Fonte:** elaboração própria, 2021.

Os depoimentos assinalam que o profissional do AEE sente-se sozinho, uma vez que não há uma articulação entre o AEE e o Ensino Regular, porém mesmo com tantas dificuldades existe a vontade de transformar esta realidade. Neste sentido, o professor do ensino regular sente-se “in/capacitado”, pois desconhece a forma de se comunicar com o aluno surdo: a Libras. Penso que “o direito à educação da criança surda só será respeitado se for garantido que o surdo não fique isolado e privado de interagir com seus pares” (BARROSO; LACERDA, 2021, p. 50289). Por isso, é preciso fazer com que este aluno tenha acesso aos conhecimentos partilhados na escola por meio da língua de sinais.

O aspecto que reclama nossa atenção refere-se à representação social expressa pela ancoragem de “isolamento”, pois de acordo com a professora do AEE não há uma “comunicação” entre as atividades desenvolvidas nas turmas regulares e as atividades da sala de recursos multifuncional, ou seja, cada um está organizando suas atividades de forma isolada.

Neste sentido, pensamos que o professor da sala de recursos multifuncional em sua prática educativa com o aluno surdo deve “promover a articulação do trabalho pedagógico da turma regular e da sala de recursos” (SANTOS, 2010, p. 62). Na verdade, entendemos que seja compromisso coletivo dos profissionais que compõem a dinâmica escolar o envolvimento nas ações relacionadas ao aluno surdo.

Em relação ao segundo depoimento percebemos a ideia de “timidez e in/capacidade”, em que o professor do ensino regular sente-se in/capaz e intimidado por desconhecer a forma de se comunicar com o aluno surdo e, assim, não sabe se os alunos surdos estão de fato aprendendo. Segundo Dorziat (2011, p. 26) “sem dúvida, é impensável a inclusão escolar de surdos que não considere a língua de sinais”.

Precisamos problematizar a inclusão escolar, em especial a acontecida na área da surdez, e pensar em mecanismos pedagógicos e condutas docentes que possam considerar as diferenças individuais de alunos surdos visando à formação de sua cidadania.

### 3.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SER PROFESSOR DE SURDOS

Neste momento expressamos os fragmentos de falas referentes aos sentimentos dos professores sobre o trabalho com surdos, em que evidenciamos que os professores remetem seus posicionamentos a elementos como: dificuldades e persistência. As falas ocorreram por meio da pergunta: o que é ser professor de surdos?

É ser uma guerreira, porque as dificuldades são muitas, é... a ajuda da direção, da nossa coordenação são poucas, mas a vontade é o que prevalece e que me dar vontade de continuar (Professora do AEE)

É um desafio, devido às muitas complexidades que a gente tem que trabalhar com o aluno, então a gente tem que trabalhar... apesar deles estarem inseridos nas classes ditas normais, mas a gente tem que trabalhar de uma outra maneira sem que eles se sintam rejeitados (Professor do ensino regular)

Representações Sociais sobre o AEE	
Ancoragem	Objetivação
Ser professora de surdos é ser “uma guerreira”  Ser professor de surdos “é um desafio”	Enfrentamento das inúmeras dificuldades; Ter de trabalhar por desejos de mudanças; Trabalho como ação complexa.

**Fonte:** elaboração própria, 2021.

Para os professores o trabalho no AEE acontece de forma isolada, em que a articulação entre o AEE, a direção escolar e a coordenação pedagógica acontecem em poucos momentos. As atividades com alunos surdos são desafiadoras, pois precisam ser diferentes em termos pedagógicos, e assim tornam-se complexas para o professor.

A composição das falas dos professores nos permite apontar que ser professor de surdos é algo desafiador, devido às dificuldades que os professores encontram, cotidianamente, em suas práticas pedagógicas com os alunos surdos. Conforme Jesus, (2006) ao retratar sobre as ações docentes no contexto da educação inclusiva, a referida autora diz que os professores:

No meio de seus medos, dúvidas, ansiedades, disponibilidades, acolhimentos e possibilidades assumem os alunos em suas salas de aulas. São as práticas pedagógicas aí desenvolvidas que podem contribuir ou não para a aquisição do conhecimento (JESUS, 2006, p. 97).

Assim, inferimos que as dificuldades presentes no trabalho com surdos fazem com que os professores sejam persistentes, buscando muitas vezes, mesmo com pouco apoio institucional ou mesmo ausência de formação continuada, formas de realizar

flexibilizações em suas práticas pedagógicas nas atividades destinadas ao aluno surdo na escola.

### 3.4 PENSAMENTOS SOBRE O AEE À PESSOA SURDA

Na perspectiva de abstrairmos, de forma mais consistente, as representações sociais dos professores sobre o AEE, solicitamos aos entrevistados que fizessem mentalmente uma comparação entre o AEE e uma imagem ou pensamento e assim captamos representações sociais diversificadas. As representações foram expressas a partir da seguinte questão: que imagem vem à mente ao pensar no AEE?

A via - láctea, porque tá um turbilhão de ideias lá, tão rodando, muitas especificidades, muita coisa pra ser feito, entendeu? Aquilo tipo um caldeirão girando e nós estamos aqui entre eles, tentando melhorar. Mas na verdade nós estamos sempre rodando e não estamos achando um foco pra ir (Professora do AEE)

Porque é um meio deles [os alunos surdos] digamos assim almejarem um futuro melhor, uma luz no fim do túnel eu comparo, por causa que eles podem ver assim, ter uma esperança de não ficar só ali naquela educação, mas avançar futuramente, ter um futuro, prosperar na vida, ter uma boa educação, acho que é isso (Professor do ensino regular)

Representações Sociais sobre o AEE	
Ancoragem	Objetivação
“Via - láctea” “Turbilhão de ideias” “Caldeirão girando” “Uma luz no fim do túnel” “Uma esperança”	Muito trabalhado a ser feito para melhorar a educação; Dificuldades em realizar as atividades educativas; Necessidade de educação de qualidade; A escola e o AEE como caminho para mudar a realidade do aluno surdo;

Fonte: elaboração própria, 2021.

É interessante observarmos que o AEE é representado como um lugar constituído de sujeitos (professores e alunos) com identidades diferenciadas e perfis distintos. Sendo que os professores, no seio do trabalho com os alunos surdos, ainda não encontraram um foco a alcançar por meio do AEE. Ressaltamos que o AEE é representado como um espaço que pode proporcionar uma melhor condição de vida acadêmica e social aos alunos surdos.

Diante destas imagens e pensamentos realizamos inferências de que os professores percebem o AEE como um local composto por docentes e discentes diferentes, por isso, comparados a uma “via - láctea”, um “turbilhão de ideias” ou um “caldeirão girando”. Neste espaço os professores desenvolvem suas atividades cotidianas de forma assíncrona, em que ainda não focaram um trabalho a ser realizado em conjunto. Pensamos que seja

necessário oferecer “condições de trabalho para maior articulação entre as práticas desenvolvidas na sala de recursos multifuncionais e as ações da sala regular, a fim de dar respostas ao aluno surdo” (SILVEIRA 2011, p. 188).

Observamos no depoimento do professor do ensino regular expressões como “uma luz no fim do túnel” e “uma esperança”, o que significa dizer que o AEE é representado como um ambiente que pode elevar a aprendizagem do aluno surdo e, com isso, fazer com que este aluno possa progredir em todos os seus aspectos socioeducacionais. Enfatizamos, segundo Santos (2010, p. 58) que “a escola precisa assumir no seu projeto este aluno. Isto significa reconhecer as condições de aprendizagem e desenvolvimento que ele apresenta e relacioná-las às possibilidades de organização das ofertas educativas”.

Neste sentido, ressaltamos que pensar em educação inclusiva para surdos, não é apenas proporcionar um atendimento educacional especializado. É preciso ir além, pois “os alunos surdos necessitam que lhes seja oferecida uma condição linguística diferenciada, em que aprendam primeiramente uma língua que possibilitará a aquisição da linguagem [...]” (BARROSO; LACERDA, 2021, p. 50290). Isso requer pensar numa escola bilíngue que valorize as diferenças individuais do aluno surdo e reconheça sua língua e suas vivências de mundo e de vida concreta.

#### **4 PALAVRAS FINAIS**

Este trabalho teve como propósito analisar as representações sociais de professores sobre o Atendimento Educacional Especializado destinado às pessoas surdas. Assim, aqui nestas considerações finais, vamos expor sobre as influências que essas representações sociais exercem sobre as práticas pedagógicas destes professores que atuam nas salas de recursos multifuncionais de escolas públicas do município de Breves - PA.

É válido ressaltar que o estudo das representações sociais de professores acerca do AEE à pessoa surda evidenciou as seguintes dimensões: a) O tempo e as atividades e o papel de professor; b) as atividades isoladas; a timidez; e a in/capacidade; c) professor sendo guerreiro diante dos desafios; d) o AEE como espaço de sujeitos diferenciados e de mudança socioeducacional.

Diante do exposto, inferimos que as influências das representações sociais para a prática pedagógica destes professores que atuam nas salas de recursos multifuncionais e nas turmas regulares, estão ancoradas e objetivadas na afirmação de que estes professores reconhecem a importância de um trabalho articulado e em sintonia, mas que precisam

buscar a efetivação de ações para que este trabalho venha a ser realizado em conexão entre AEE – ensino comum.

Neste estudo constatamos que a Libras, enquanto prática pedagógica é considerada mais significativamente no ambiente do AEE por meio de ações da professora da sala de recursos multifuncionais. No contexto do ensino regular o professor demonstra a ideia de ainda não saber ensinar os alunos surdos por meio da língua de sinais. Ainda assim, o professor demonstrou que quer aprender a se comunicar com surdos.

Os professores investigados neste estudo revelaram que possuem algumas dificuldades de trabalhar com alunos surdos, porém sentem-se a cada dia desafiados a desenvolver práticas pedagógicas que possam superar tais dificuldades no contexto do AEE e ensino comum. Para isso, cabe a escolar oferecer formação continuada e, quem sabe, o auxílio de intérpretes de Libras.

A partir das representações sociais sobre o AEE para alunos surdos, apontamos que temos um Atendimento Educacional Especializado um pouco distante daquele preconizado pelas políticas de educação inclusiva de nosso país que, pelo menos em seus documentos oficiais, expressam possibilidades dos alunos surdos aprenderem nas turmas comuns de ensino regular, tendo como ação complementar o AEE, como forma de romper barreiras linguísticas e pedagógicas que interferem na inclusão escolar destes alunos.

A ideia de inclusão educacional no Brasil é uma proposta que vem sendo disseminada desde a década de 1990 e até os dias atuais os alunos inclusos, principalmente os alunos surdos, ainda não foram contemplados em sua totalidade por esta inclusão, pois muitos são os problemas que circundam este processo, como: ausência de capacitação docente para atuar com alunos surdos; inadequação de espaços físicos e materiais pedagógicos no ambiente escolar; inviabilização de um trabalho coletivo no fazer pedagógico a alunos surdos.

Diante deste contexto indicamos que seja imprescindível pensar em ações educacionais que reconheçam os surdos a partir de suas diferenças linguísticas e culturais. A escola precisa criar ambientes linguísticos que oportunizem a comunicação entre surdos e ouvintes, para que o processo de escolarização de alunos surdos se efetive de maneira significativa.

Acreditamos que as representações sociais sobre o AEE para alunos surdos neste estudo, evidenciaram que o modelo de inclusão educacional vigente em nossa conjuntura precisa ser problematizado, pois inferimos que o ideal seria que os surdos fossem

educados a partir de uma perspectiva bilíngue que vai além do uso e difusão da língua de sinais, este modelo de educação pauta-se no contexto de garantia de acesso e permanência dos surdos com seus pares no âmbito escolar.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero. Lisboa/Portugal: Edições 70, Ida, 2007.

BARROSO, Adriana Fernandes; LACERDA, Cristina Broglia F. Contribuições da clínica da atividade na formação continuada do docente bilíngue de alunos surdos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n. 5, p. 50288-50298 mai. 2021.

BENTES, J. A. de O; HAYASHI, M. C. P. I. **Normalidade e disnormalidade**: formas do trabalho docente na educação de surdos. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BRASIL. Resolução CNE/CEB 4/2009. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 de outubro de 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao\\_cne\\_ceb001\\_2009.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_cne_ceb001_2009.pdf). Acesso em 05 jun, 2021.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento Educacional Especializado para Pessoas com Surdez**. Brasília: SEESP / SEED / MEC, 2007.

DORZIAT, A. (Org). O direito dos surdos à educação: que educação é essa? In: DORZIAT, A. (Org). **Estudos Surdos**: diferentes olhares. Porto Alegre: Mediação, 2011  
FAVERO, E. A. G (et al). **Atendimento Educacional Especializado**: aspectos legais e orientação pedagógica. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informações por Cidades e Estados. IBGE, 2019. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 31 Mar 2019.

JESUS, D. M. de. Inclusão escolar, formação continuada e pesquisa-ação colaborativa. In: BAPTISTA, C. R. **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LACERDA, C. B. F. de. **A inclusão escolar de alunos surdos**: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

LUDKE. M; ANDRÈ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUDWIG, A. C. W. **Fundamentos e práticas da metodologia científica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, I. A. de. **Saberes, imaginários e representações na educação especial**: a problemática da “diferença” e da exclusão social. Petrópolis, RJ: Vozes: 2004.

PLETSCH, M. **O professor itinerante como suporte para a educação inclusiva em escolas da rede municipal do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro: RJ, 2005.

QUADROS, R. M de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

RANGEL, M. **A pesquisa de representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais**. São Paulo: Ideias & Lugares, 2004.

SANTOS, K. R. Educação especial e escola: reflexões sobre os projetos educacionais para alunos surdos. In: FERNANDES, E. (org). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SILVEIRA, A. P. **Representações sociais de professores do ensino fundamental sobre o aluno surdo: a [in] visibilidade na inclusão escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, 2011.